

“Ver”

À segunda vista, ver e olhar estão um para o outro como o verso está para o avesso. O pintor que vê, demora primeiro o olhar e depois vê. É um velho princípio budista, o de pedir ao aluno que aquiete o espírito sobre um peixe de aquário - uma truta de rio não teria o mesmo efeito. O aluno olhará então as escamas, as barbatanas, o tamanho, a cor... só depois verá os trajectos, as reentrâncias, a gordura (ou leveza), o estilo do nadador (ou a falta dele), os respiradores, o gorgolejar, os olhos aparentemente vítreos a dar e dar como uma vaca inane mas atentos ao mais ligeiro ruído, torção, movimento, aerofagia...

Quando no preâmbulo do filme «O Sentido da Vida», da sequela Monty Python, dois cações trocam um bate-boca existencial e dizem «Look, Howard is being eaten!», discutem na verdade um sério problema de oficina. A vida não é para ser olhada de raspão. Exige atenção paciente, olhar perscrutador, íris ululantes. Exige plaina séria, denúncia e ternura.

Quando um escritor pede ao leitor que o leia com a mesma entrega e disponibilidade que escreveu, está na verdade a pedir apenas a justa retribuição.

Quando um pintor maquilha o ofício (ofício sério) na câmara lenta da sua paleta, quando prestidigita sobre o mundo, as gentes, os bichos, e repudia o acto da imitação, está na verdade a revelar-se.

Ver é tudo o que ocupa a pintora Marta.

Lisboa, Abril de 2007
Tiago Salazar